

Olhando ao redor: estabelecendo relações em um mundo multiespécie



Thiago Luz¹
Andressa Caroly²

Resumo

O presente trabalho, de caráter experimental, busca refletir sobre as relações que humano e não-humanos estabelecem ao longo de suas existências. Para tanto, apresenta uma série de 12 fotografias nas quais pode-se observar diferentes encontros multiespécies ocorridos entre os autores e distintos não-humanos. A ideia central, desse modo, é visibilizar tais encontros que rotineiramente se realizam, mas, frequentemente, são ignorados. Esse ensaio visual busca, também, estabelecer um diálogo com autores e autoras das Ciências Sociais e suas proposições sobre os entrelaçamentos das vidas terrestres de modo a tentar desestabilizar proposições demasiadamente antropocêntricas.

Palavras-chave: estudos multiespécies; relações humano-animal; entrelaçamentos; antropologia.

Abstract

This experimental work seeks to reflect on the relationships that humans and non-humans establish throughout their existence. Therefore, it presents a series of 12 photographs in which different multispecies encounters that took place between the authors and different non-humans can be observed. The central idea, therefore, is to make visible such meetings that routinely take place, but are often ignored. This visual essay also seeks to establish a dialogue with authors of Social Sciences and their propositions about the intertwining of terrestrial lives to try to destabilize propositions that are too anthropocentric.

Keywords: multispecies studies; human-animal relationships; entanglements; anthropology.

¹ Mestrando em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS). Licenciado em Ciências Sociais (UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos em Educação e Transgressão (GEETRANS/UFRGS). Integrante do Núcleo de Estudos Animais, Ambientes e Tecnologias (NEAT/UFRGS). E-mail: light.thiago@gmail.com

² Mestranda em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS). Licenciada em Ciências Sociais (UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos em Educação e Transgressão (GEETRANS/UFRGS). Integrante do Núcleo de Estudos Animais, Ambientes e Tecnologias (NEAT/UFRGS). E-mail: andressacaroly18@gmail.com

We are humus, not Homo, not Anthropos; we are compost, not posthuman.
(HARAWAY, 2016, p. 55)

Com quais outras existências nós humanos compartilhamos o mundo? É provável que essa pergunta soe estranha a primeira vista, ou talvez até mesmo sem sentido, porém, temos de nos lembrar que, para além de nossa própria espécie, nosso mundo é habitado por experiências não-humanas, e que as relações que se estabelecem (sejam harmoniosas ou não) entre essas múltiplas existências compõem o que nomeamos de planeta Terra. Assim, enquanto seres humanos, ao longo de nossa existência na Terra, realizamos diversos encontros com outros seres, porém, muitas vezes, esses encontros são minorados ou pensados como insignificantes. Dito de outro modo, os entrelaçamentos que constituem as vidas terranas (LATOUR, 2014) parecem ser, rotineiramente, invisibilizados. Logo, seria interessante reavivarmos esses entrelaçamentos, pois “Human and nonhuman animals are companion species, messmates at table, eating together, whether we know how to eat or not (HARAWAY, 2008, p. 301).

Se vivemos no tempo das catástrofes (STENGERS, 2015) no qual as vidas (sem discriminação entre humanas e não-humanas) estão cotidianamente sofrendo os efeitos de uma degradação ambiental sem precedentes, não será o momento propício, então, para reavaliarmos nossas relações com os seres que aqui habitam? Pensemos, também, em como a própria Terra é frequentemente evocada meramente enquanto um recurso que pode ser mobilizado para, por exemplo, alcançarmos o “progresso”, e não como um outro não-humano passível de estabelecermos conexões ou, então, como o local no qual estabelecemos relações com outros seres.

A respeito da América Latina, as reflexões de Maristella Svampa (2019), sobre como esse ideal de progresso é problemático, são fundamentais: se antes foi o extrativismo colonial euro-americano que impôs sobre os territórios e seus viventes experiências de devastação e morte, pois esses territórios e essas vidas não apresentavam valor para além de simples meios para se atingir a industrialização, atualmente assistimos a ações neoextrativistas (vide os inúmeros desastres ambientais recentes como Rio Doce, Mariana e Belo Monte), baseadas em pressupostos desenvolvimentistas, sustentadas pelos próprios Estados-nação latino-americanos; assim, tornar-se uma potência global, nos moldes dos

países do norte, tem sido o caminho proposto, nos últimos anos, como forma de deixar para trás o *status* de nações subalternas, mesmo que isso signifique aniquilar experiências de vida, ancestralidades e relações. Podemos pensar, então, em como o foco na América Latina tem sido narrar e trabalhar a Terra enquanto mercadoria, em como os ambientes têm sido narrados enquanto produtos, ou enquanto fornecedores de commodities. E o efeito disso é que essas narrativas destroem a Terra “como esse lugar que todos compartilhamos” (KRENAK, 2019, p. 48). Logo, a partir das análises de Maristella Svampa (2019), podemos refletir, portanto, se não será, justamente, esse ideário do progresso, marcadamente depredador e aniquilador de diversidades, a razão pela qual nos encontramos na época que alguns tem chamado de Antropoceno. É importante destacar, contudo, que esta forma de se relacionar com o mundo não é uma unanimidade. Como aponta Donna Haraway (2019, p.4) o antropoceno deveria ser compreendido não como um “ato de espécie”, mas situado dentro de um contexto histórico, ideológico e político, pois

Most peoples on this planet have precisely not lived and exercised the same kinds of processes that break generations, that radically simplify ecologies, that drastically force labor in a mass way that creates a kind of global transformation and global wealth that is in and of itself genocidal and extinctionist.

Na mesma linha de Donna Haraway, Ailton Krenak (2019) também nos convoca a perceber como diferentes povos, comunidades e pessoas não se relacionam de forma predatória com a Terra. Nesse sentido, menciona “aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes” (KRENAK, 2019, p.4) como outras possibilidades de experiências junto a Terra para além do ideário capitalista, colonial e neoextrativista tão difundidos atualmente. Importante salientar que essa forma de relacionar com a Terra não corresponde apenas a uma forma de organização econômica, mas também ideológica, tendo em vista que, conforme Ailton Krenak (2019, p.11), é sustentada por uma ideologia civilizatória que apresenta um único “[...] jeito de estar aqui na terra, uma verdade, ou uma concepção de verdade que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história”.

Neste ensaio, por outro lado, apresentamos uma espécie de contranarrativa, baseada em uma tentativa de visibilizar algumas das possíveis existências com as quais nós, seres

humanos, partilhamos o mundo, assim como possibilitar que pensemos nosso mundo não mais como um recurso ou uma mercadoria da qual os humanos se apoderam, mas um espaço de convivência. A ideia central, portanto, é evidenciar como nosso planeta é constituído por espécies companheiras (HARAWAY, 2003; TSING, 2015) umas das outras.

Para tanto, utilizamos fotografias de diferentes seres com os quais nos encontramos, ao longo de incursões de campo experimentais por localidades diversas do Rio Grande do Sul, desenvolvidas entre os anos de 2018 e 2019. Essas incursões foram, por um lado, motivadas por um prazer pessoal que ambos possuímos em transitar entre ambientes “naturais”, tendo sempre em mente que “[...] é importante manter os olhos abertos para sinais sutis – pegadas, pilhas de pedras, entalhes nos troncos das árvores – que indiquem o caminho adiante” (INGOLD, 2015, p.26). E, por outro lado, motivados pelas discussões e reflexões desenvolvidas ao longo de nossa formação em Ciências Sociais suscitadas, principalmente, pelas ideias das pesquisadoras feministas Donna Haraway e Anna Tsing a respeito da espiral de relações multiespecíficas que criam nosso mundo e nossa existência, seja ela humana ou não-humana.

1. O que não é visto, mas está presente – as imagens

Não pretendemos neste texto lançar mão da ideia de uma natureza intocada, virgem ou neutra, pois, embora as fotografias possam não demonstrar o contexto completo cabe salientar que as imagens aqui apresentadas foram capturadas em espaços profundamente antropogênicos. Por exemplo, algumas imagens foram fotografadas em *campings* destinados ao turismo e ao lazer. Outras em uma Estação Agronômica Experimental vinculada ao curso de agronomia de nossa universidade na qual há um diálogo com o setor privado. E outras ainda foram fotografadas no campus onde fica localizado a sede de nosso Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Logo, como é possível perceber, a “natureza” aqui apresentada esta sempre vinculada a componentes humanos. O antropos, então, esta imerso no que chamamos de natural e vice-versa. Além disso, as fotografias foram registradas por nós e não por armadilhas fotográficas – equipamentos utilizados para a captura de imagens sem a presença humana – ou seja, nossa presença física nesses espaços não pôde passar

despercebida, nós estivemos em contato direto com muitos dos não-humanos aqui apresentados, sejam animais, vegetais ou o próprio solo em que pisamos e que, obviamente, é também recheado de vida. Assim, demarcamos que as fotografias foram constituídas através de encontros multiespécies. Encontros nossos com outras espécies não-humanas, bem como através de encontros multiespécies entre os próprios não-humanos, como cachorros e pastos, borboletas e flores ou bugios e araucárias. É sabido que uma imagem não representa tudo, antes, é um recorte de um momento ou de um ambiente, à vista disso, achamos importante lembrar as pessoas leitoras a tentar vislumbrar – ou imaginar – como o fio condutor desse ensaio são os encontros.

Além disso, destacamos que escolhemos utilizar a fotografia, pois, como aponta Caiuby (2009, p.44), as imagens podem “possibilitar uma divulgação do conhecimento que seja menos autoritária, mais interativa [...]”. Assim, imaginamos que as fotografias aqui apresentadas podem vir a produzir uma interação com as/os leitoras/es de forma que possam, se ainda não o fazem, olhar ao seu redor e enxergar, justamente, como nosso planeta é construído através de uma assembleia de seres (TSING, 2019).

Por fim, antes de apresentarmos as fotografias gostaríamos de tecer alguns comentários sobre quatro das 12 imagens que compõem esse ensaio. Com isso, queremos narrar um pouco sobre como essas fotografias foram registradas, evidenciando detalhes que podem passar despercebidos à primeira vista. Além disso, chamamos atenção para a interdependência das espécies que aparecem fotografadas, ou seja, salientamos a importância dos encontros multiespécies. Apenas quatro imagens foram selecionadas para que as pessoas leitoras também possam exercitar sua imaginação, tentando rastrear quais outros possíveis encontros multiespécies estão presentes no restante das fotografias.

A primeira imagem trata do encontro entre humanos, uma borboleta e algumas flores amarelas. Pensemos em como a flor depende desse encontro para que seja polinizada e possa se multiplicar. E como a borboleta também depende desse encontro para que possa se alimentar do pólen das flores. Além disso, os encontros entre borboletas e plantas são indispensáveis para os humanos que dependem dessa união, por exemplo, para a produção de alimentos, uma vez que sem a polinização não seria possível existir uma diversidade de cultivos: muitas frutas deixariam de existir se os encontros entre as plantas e as borboletas

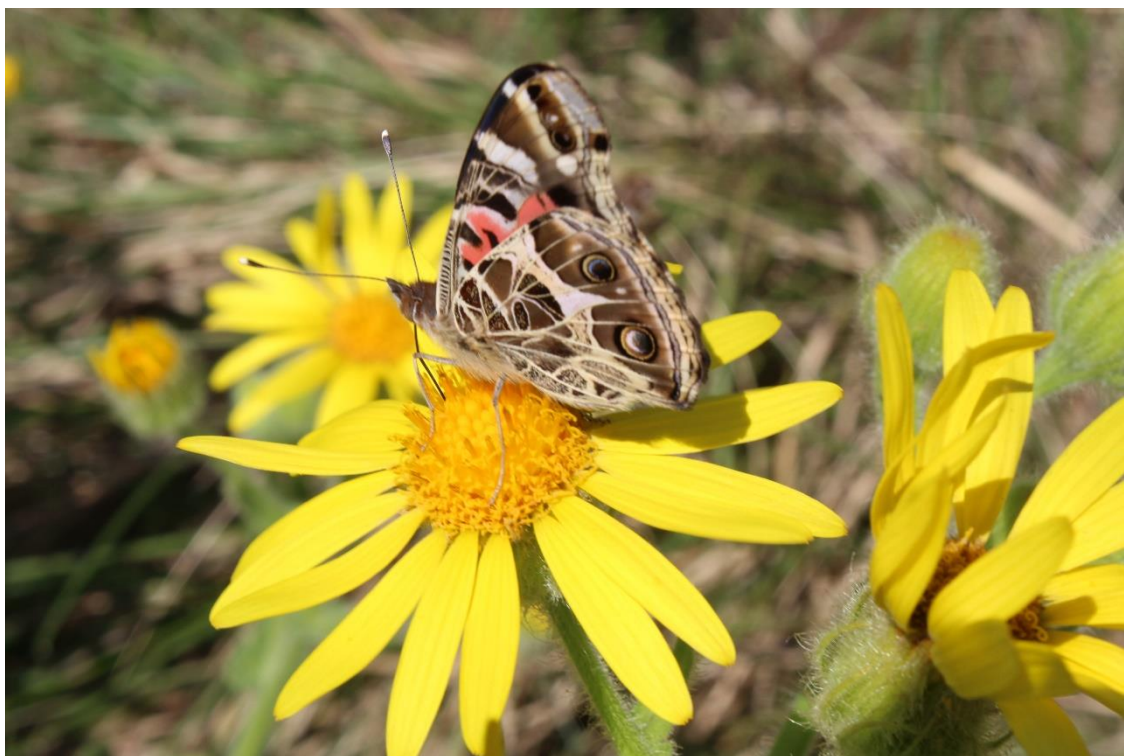
(e outros animais, claro) não fosse possível. Também, o registro estático da fotografia não demonstra as caminhadas entre os campos de flores ou as várias tentativas frustradas de fotografar esse encontro: fotos sem foco, fotos distorcidas ou as fotos nas quais a borboleta nos avista e sai voando.

A segunda imagem trata do encontro entre um diplópode, humanos e o solo. O que vemos aqui é um tipo de artrópode repousando sobre o solo. Todavia, podemos imaginar a infinidade de microrganismos coabitando o mesmo espaço que não são visíveis a olhos humanos nem a lentes fotográficas. Além disso, esse encontro é indispensável tanto para o animal que encontra na terra alimento e abrigo quanto para a própria terra, tendo em vista que esse pequeno animal é um importante decompositor de matéria orgânica, o que torna o solo mais rico e fértil, isto é, ele enche a terra de vida. Assim, embora estejamos acostumados a pensar na terra como algo inerte, é importante lembrar que o solo é vivo como muito bem nos destaca a engenheira agrônoma Ana Primavesi (1985). Ademais, a fotografia não demonstra o fato de que o diplópode não estava amostra, mas debaixo de uma pedra úmida, ou seja, muitas pedras foram levantadas antes que a imagem pudesse ser capturada e nosso encontro fosse possível.

A terceira imagem diz respeito ao encontro entre humanos e uma pequena perereca amarela. Na fotografia só é possível ver o momento em que uma mão humana segura esse anfíbio. Todavia, o que fica escondido é como foi possível esse encontro. Antes de tudo, foi necessário chegar próximo a um açude e permanecer em silêncio por alguns minutos para que fosse possível escutar o canto da perereca. Após escutá-lo, ainda foi necessário perambular atentamente pelo açude com o auxílio de uma lanterna de cabeça, pois as mãos precisam estar livres para o momento de apanhá-la. Ademais, algumas tentativas foram necessárias antes de conseguir pegar esse pequeno animal escorregadio. A fotografia também não captura o canto agudo da perereca, nem seus saltos. Ou ainda, fica de fora desse enquadramento o encontro entre o corpo d'água, o anfíbio e a vegetação ao redor. Pensando com Tim Ingold (2015, p. 27) e sua noção de educação da atenção, não bastou apenas estar lá, foi preciso “[...] prestar atenção onde pisa, e também ouvir e sentir”.

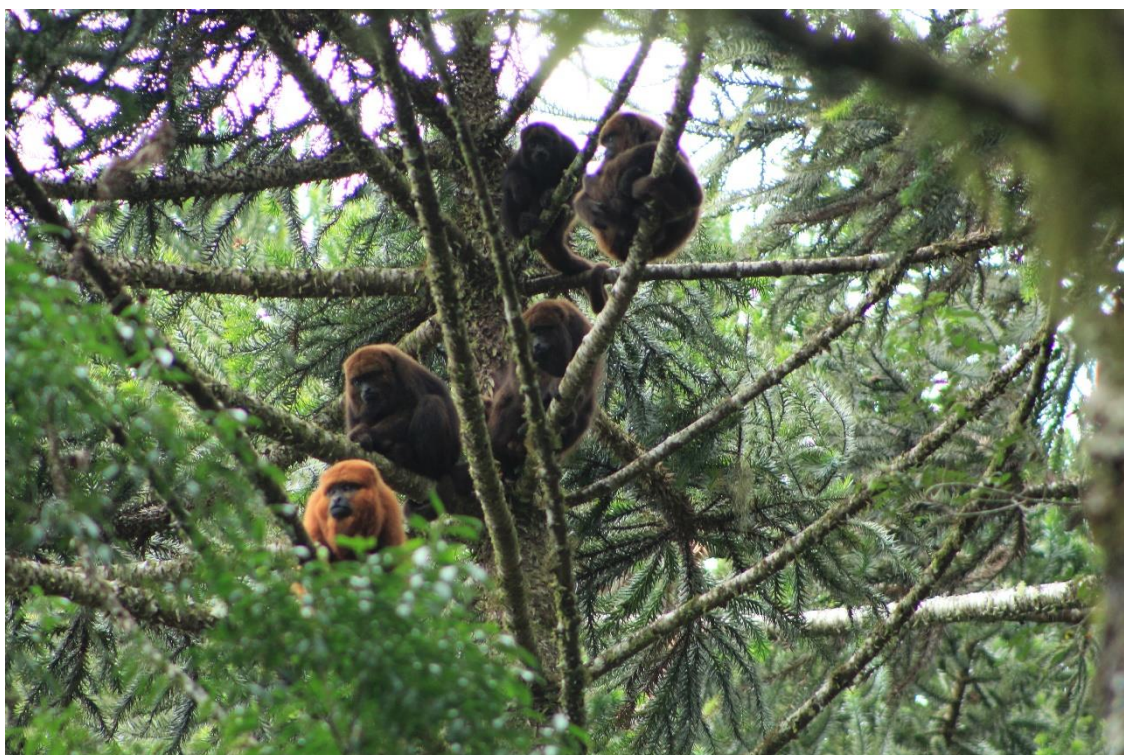
A quarta e última imagem alvo de nossos comentários diz respeito ao encontro entre fungos, humanos, capins, areia e um tronco de árvore. Aqui, gostaríamos de focar nos fungos e humanos. Quase sempre passando despercebidos por nossos olhos, os fungos e humanos têm suas histórias cruzadas ao longo dos séculos, como aponta Anna Tsing (2015). A fotografia deixa evidente apenas o acoplamento dos fungos ao tronco, ou seja, parece apresentá-los como seres passivos, mas e se (re)pensássemos neles como agentes responsáveis por diversos eventos ao longo da história humana? Anna Tsing (2015), por exemplo, narra a história de como o fungo *Serpula lacrymans*, causador da podridão seca foi o responsável pelo apodrecimento da madeira utilizada nos navios britânicos do século XIX e como essa ação fúngica afetou drasticamente a economia britânica, compelindo-os a utilizar novos materiais em suas embarcações como os navios encouraçados. Aqui, percebemos como esse organismo rotineiramente ignorado afetou a vida humana. Esses fungos, entretanto, também são extremamente relevantes para a vida humana e não-humana na terra já que são importantes decompositores, contribuindo para a produção de alimentos para outros seres e, novamente, para própria da vida do solo. Ademais, um dos fungos em destaque é o *Pycnoporus sanguineus* utilizado na medicina popular como um agente antibacteriano. A fotografia, portanto, deixa de fora esses entrelaçamentos entre nós e essa forma de vida e principalmente sua capacidade de agência no mundo.

Nossa ideia com esses comentários não foi esgotar as possibilidades interpretativas, nem direcionar apenas uma forma de olhar para elas ou, ainda, meramente descrever as imagens. O que pretendemos foi tentar instigar as pessoas leitoras a olhar além do que é apresentado e possível de ser visto, demarcar que uma fotografia é sempre contextual e, claro, desestabilizar lógicas de mundo homogeneizantes. Como afirma Clifford Geertz, (2001, p.65) “tranquilizar é tarefa de outros; a nossa é inquietar”.



Encontros I: borboleta, bem-me-quer e humanos. Fotografia Digital, 2018.

Fonte: acervo dos autores



Encontros II: família de bugios, humanos e araucárias. Fotografia Digital, 2018.

Fonte: acervo dos autores



Encontros III: cão, flores, humanos e capim. Fotografia digital, 2018.

Fonte: acervo dos autores



Encontros IV: sapo cururu, humanos, tronco, bromélias e fungos. Fotografia digital, 2018.

Fonte: acervo dos autores



Encontros V: fungos, humanos, vegetação, troncos e areia. Fotografia Digital, 2019.

Fonte: acervo dos autores



Encontros VI: libélula azul, humanos e árvores. Fotografia digital. 2019.

Fonte: acervo dos autores



Encontros VII: perereca amarela e humanos. Fotografia digital, 2018.

Fonte: acervo dos autores



Encontros VIII: terra, humanos, líquens e rastro animal. Fotografia digital, 2018.

Fonte: acervo dos autores



Encontros IX: diplópode, humanos, solo e microrganismos. Fotografia digital, 2019.

Fonte: acervo dos autores



Encontros X: pica-pau amarelo, humanos, araucária, líquens e fungos. Fotografia digital, 2018.

Fonte: acervo dos autores



Encontros XI: humanos, pedras, árvores, rio, céu e sol. Fotografia digital, 2019.

Fonte: acervo dos autores



Encontros XII: dueto de borboletas e humanos. Fotografia digital, 2018.

Fonte: acervo dos autores

Referências

- CAIUBY, S.N. Imagem e Ciências Sociais: trajetória de uma relação difícil. In: BARBOSA, A.; CUNHA, E.; HIKIJI, R.S.G. (Orgs.). *Imagem-conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos*. Campinas: Papirus, 2009. p. 35-59.
- GEERTZ, C. *Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- HARAWAY, D. *The companion species manifesto: dogs, people and significant otherness*. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.
- _____. *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.
- _____. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham & London: Duke University Press, 2016.
- INGOLD, T. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. *Horizontes Antropológicos*, v. 21, n. 44, p. 21-36, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/fGyCC7jgq7M9Wzdsv559wBv/?lang=pt>. Acesso em: 20 de maio. De 2021.
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LATOUR, B. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. *Ilha - Revista de Antropologia*, v. 57, n. 1, p. 11-31, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/87702>. Acesso em: 01 de abr. de 2022
- PRIMAVESI, A. *Manejo ecológico do solo: a agricultura em regiões tropicais*. 8.ed. São Paulo: Nobel, 1985.
- STENGERS, I. *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.
- SVAMPA, M. Neoextrativismo e desenvolvimento. In: SVAMPA, M. *As fronteiras do neoextrativismo na América Latina: conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências*. São Paulo: Editora Elefante, 2019. p. 23-44.
- TSING, A. Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. *Ilha – Revista de Antropologia*, v. 17, n. 1, p. 177-201, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2015v17n1p177>. Acesso em: 15 de maio de 2021.
- _____. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.